

A relevância da Fenomenologia para a Metodologia de Sistemas Flexíveis¹

Oto Dias Becker Reifschneider²

Resumo: Neste artigo é problematizada a relação entre a fenomenologia, em específico a vertente metodológica da filosofia sociológica de Alfred Schutz, para o embasamento da metodologia de sistemas flexíveis.

Palavras-chave: fenomenologia, metodologia de sistemas flexíveis, Alfred Schutz

Abstract: This article focuses on the relation between phenomenology, in specific through Alfred Schutz's sociological and philosophical methodology, and soft systems methodology. .

Key-words: phenomenology, soft systems methodology, Alfred Schutz

¹ Artigo originalmente publicado na revista DataGramZero, v. 2, n.2, jun/11 (artigo 01):
http://www.dgz.org.br/jun11/Art_01.htm

² Graduado em História, Mestre em Sociologia e Doutor em Ciência da Informação pela UnB.

A metodologia de sistemas flexíveis (MSF) é apresentada por Peter Checkland, seu principal proponente, como uma maneira de pensar orientada para a ação: essa metodologia, afinal, localiza-se no campo das Ciências Sociais Aplicadas. Por meio dela são elaborados modelos e propostas, visando mudanças tanto desejáveis, quanto factíveis. É um processo contínuo, que procura ser eficaz, eficiente e efetivo na condução da melhoria de organizações³.

A MSF apenas trabalha questões que partem de problemas específicos, factuais, nunca abstratos ou teóricos. Ela foi, de fato, elaborada por Checkland com uma preocupação de se trabalharem problemas em organizações. A partir da situação examinada é elaborado um modelo, que é testado, explorado e retrabalhado, até que esteja razoavelmente de acordo com a situação apresentada. As propostas de solução são então contrastadas com o modelo para a escolha e melhoria daquela mais adequada.

A Fenomenologia, apesar da importante contribuição que traz à MSF, não esteve presente em sua formulação, pois a MSF⁴ é sobretudo derivada da prática⁵. Ela parte da Engenharia de Sistemas, cujo paradigma é positivista, para, em seguida, dela se afastar, ao reconhecer a existência da riqueza de visões de mundo na abordagem de um tema qualquer: os olhos de quem vê interpretam o que é visto. Ao que tudo indica, segundo os textos de Checkland, foi apenas com a MSF desenvolvida que se começou a querer embasá-la teoricamente. Com o tempo deu-se conta de que sua metodologia se aproximava da sociologia de Weber, da filosofia de Husserl e, em especial, da filosofia sociológica de Alfred Schutz⁶.

Antes de lidarmos explicitamente com as idéias de Schutz, exploremos brevemente a Fenomenologia. Para se ter uma idéia de sua importância, três dos principais teóricos sociais do século XX, Bourdieu, Habermas e Giddens, (respectivamente francês, alemão e inglês) a têm no âmago de suas elaborações. Bourdieu⁷ utilizou-se de Husserl, Heidegger e Merleau-Ponty, entre outros filósofos, em suas elaborações

³ Não custa lembrar que eficácia, eficiência e efetividade são conceitos mutuamente complementares da Administração. Uma apresentação clara e segura da diferenciação e complementariedade entre os termos, no entanto, não é fácil de se encontrar. Para uma possível definição, ver BROTTI e LAPA.

⁴ Ao menos não de forma explícita. Quando correntes filosóficas alcançam certa preeminência é certo que acabam por influenciar o pensamento contemporâneo de uma forma ou de outra, pois ela já permeia a literatura em geral.

⁵ "To the extent that we could make it so, the modifications were dictated by the problem situations and were not theory-based." (CHECKLAND e SCHOLLES, p. 245)

⁶ Checkland afirma explicitamente que a MSF está em harmonia com a obra de Schutz (CHECKLAND e SCHOLLES, p. A40)

⁷ "Drawing selectively on the phenomenologies of Husserl, Heidegger, and Merleau-Ponty, as well as on Wittgenstein's later philosophy, Bourdieu rejects the dualities – between body and mind, understanding and sensibility, subject and object, *En-soi* and *Pour-soi* – of Cartesian social ontology in order to "return to the social with which we are in contact by the mere fact of existing, and which we carry about inseparably with us before any objectification (Merleau-Ponty 1962: 362)". (BOURDIEU e WACQUANT, p. 20)

teórico-sociológicas. Habermas⁸, por outro lado, discute a relação da Fenomenologia nas Ciências Sociais em sua função de fundamentar teoricamente abordagens subjetivas, dando-a como limitada, por conta de seu embasamento na experiência subjetiva do investigador. Giddens, em seu “Novas Regras do Método Sociológico”⁹, cita vários dos principais teóricos da Fenomenologia, com especial atenção a Schutz, por alguns dos mesmos motivos pelos quais foi eleito para este estudo, como veremos adiante.

A Fenomenologia é uma resposta ao reducionismo positivista e psicologista: as coisas nem existem por si só, nos emanando seu significado, nem são fruto e existem somente por conta de nossa consciência. Como toda corrente filosófica, ela possui diversas vertentes. Em geral extremamente abstrata, uma das maiores dificuldades de quem lida com a Fenomenologia é aplicá-la à vida real, de forma pragmática. Na verdade, a própria definição de vida real, prática, já é um desafio fenomenológico.

A idéia de que as coisas só são compreendidas a partir do pensamento humano é fundamental na Fenomenologia. Seu objetivo é desfazer os *a priori* que temos como dados na apreensão das coisas: opera-se uma desnaturalização do mundo, que busca atingir as idéias essenciais. Tal subjetividade metodológica não significa, porém, que sua lógica seja subjetiva no sentido comumente apreendido na Academia, i.e., não científica. Pelo contrário, este questionamento profundo é necessário para que se possa ser rigorosamente científico. A intencionalidade dos fenômenos é então investigada, tentando sempre fragmentar os fenômenos e descobrir sua estrutura, seus componentes e, assim, a intencionalidade desses componentes.

Para a Fenomenologia, o significado não está nem na coisa em si, nem é subjetivamente formado pelos agentes em sua interação social. Portanto, como frisaram Inrona e Ilharco ao longo de seu texto, nem a objetividade positivista nem a subjetividade interpretativa estariam corretas. Os objetos, na Fenomenologia, teriam uma significação, uma intencionalidade necessária, que já indicariam relações também necessárias elas mesmas.

Percebemos, por exemplo, toda sensação auditiva como um som de algo, nunca como vibrações acústicas puras, sem significado, que não nos remetam a nada. Mesmo que não consigamos identificar algum som, isso nos remete a uma não-identificação atrelada a uma busca de significado. Todo som é, desde sua audição, contextualizado, classificado, relacionado. Podemos analisar qualquer objeto com a mesma lente: a sobrecapa de livros, que pode parecer um detalhe desimportante e cuja

⁸ As contribuições e os limites da fenomenologia estão relacionados em *The Phenomenological Approach* (HABERMAS, p. 92-117)

⁹ Lançado em 1976, o título faz referência ao clássico Regras do Método Sociológico (1895), do francês Emile Durkheim, um dos pilares da Sociologia.

especificidade passa mesmo despercebida, tem o duplo propósito de proteger o livro e de chamar a atenção para ele, além de pressupor a existência de papel, tinta, plastificação, i.e., indústrias distintas, especialidades diversas. A própria demanda e presença de sobrecapas é indicativa de toda uma cultura impressa. Se fossemos tentar descrever e compreender tudo o que é necessário para que exista a sobrecapa no mundo, teríamos uma pesquisa infundável. Mesmo para uma questão que possa parecer pontual, simples, há todo um mundo a ser desvendado.

De fato, toda pessoa se situa num fluxo contínuo de compreensão, onde quase tudo já se mostra como dado. Em um cenário qualquer, temos a capacidade de avaliar criticamente, de forma inquisitiva, apenas um elemento por vez. Caso se nos deparasse um cenário onde boa parte dos elementos nos fosse desconhecido, nos situaríamos num estranhamento absurdo, numa incompreensão paralisante: *uma interpretação pode se embasar apenas num sentido ou entendimento já presente e não da forma contrária, como presumido.*¹⁰ Por isso a importância da vivência da situação para sua compreensão e análise - daí a riqueza que proporcionam as incursões antropológicas e que encontramos nos relatos dos participantes de determinado evento, de membros do grupo a ser estudado, mesmo que sejam elaborados sem preocupação acadêmica.

Os conceitos na Fenomenologia foram trabalhados em torno dessa questão do fluxo de compreensão, de nosso posicionamento no mundo. Eles partem de nossa inserção no Mundo-da-vida¹¹, i.e., no mundo como o experimentamos. Nele - e dele não podemos nos dissociar - as coisas existem de forma relacional, com propósito, pois nada existe por si só. Esta idéia é contraposta, principalmente, ao mundo construído pela Ciência, artificial e inevitavelmente limitado. O Mundo-da-vida nos é dado, não o questionamos. Além disso, agimos como se tudo que se nos apresentasse ocorresse da mesma forma para todas as outras pessoas. É, justamente, questionando estas proposições basais de nossa compreensão comum que se constrói o arcabouço crítico da Fenomenologia.

Heidegger dá um passo além de Husserl, identificando nas coisas não uma essência cuja intencionalidade se impõe à consciência, mas uma possibilidade de se fazer algo. A cadeira - um dos exemplos mais utilizados em textos fenomenológicos - é, assim, a possibilidade de sentar, de ficar em pé e alcançar algo, de compor a sala esteticamente, não é vista apenas como cadeira, de forma abstrata. Qualquer objeto

¹⁰ "(...) interpretation can only be based on an already present sense or understanding and not the other way around, as assumed." (INTRONA e ILHARCO, p. 92)

¹¹ Na Fenomenologia, é frequente a manutenção dos termos originais alemães, já que as palavras são re-significadas. Mundo-da-vida, portanto, é *Lebenswelt* - a versão em inglês, *Lifeworld*.

pode ser tomado como exemplo: a sobrecapa existe para proteger o livro e informar o leitor sobre o conteúdo do livro, que revela a necessidade de informação, que explica a montagem de estantes com livros como símbolo de status - são infinitos os desdobramentos, cada coisa está ligada de forma complexa e inextricável a inúmeras outras.

Para se compreender um texto fenomenológico, suas análises e questionamentos, é importante notar que esta corrente filosófica possui um jargão próprio, com a re-significação de algumas palavras de uso cotidiano que dificulta seu entendimento para não-iniciados. Como estamos tratando de uma corrente extremamente auto-reflexiva, a precisão terminológica é fundamental. Algumas simplificações para uma compreensão inicial do método são assim mesmo admissíveis. Os professores Lucas Introna e Fernando Ilharco¹², por exemplo, aplicaram o método fenomenológico à Ciência da Informação, identificando quatro passos essenciais a serem seguidos:

- i - descrição do fenômeno
- ii - análise etimológica
- iii - redução
- iv - investigação da essência

Essa síntese pragmática é apenas uma entre as várias possíveis, conforme os próprios autores constatarem. A análise etimológica é comum a diversas abordagens e uma importante ferramenta independente do matiz filosófico do qual se parte. Já a redução e a investigação da essência são passos fundamentalmente fenomenológicos do inquérito científico. A investigação nesses moldes, no entanto, é sempre restrita a idéias pontuais, fundamentais, e não serve para intervenção em sistemas complexos, que tem por pressupostas inúmeras dessas essências e uma plétora de agentes. A experiência fenomenológica, no entanto, dota o investigador de maior capacidade crítica.

A vocação primeira da Fenomenologia parece ser a investigação de nosso encontro com o mundo, da apreensão dos objetos pela consciência. A tipificação, como forma de assimilação das coisas (objetos, situações) é um instrumento essencial nessa relação. Não vamos, no entanto, nos ater a discussões ainda mais abstratas e sim trabalhar com a tipificação e tipologias apresentadas por Schultz.

¹² (INTRONA e ILHARCO, p. 71)

Uma das críticas que mais se repetem à Fenomenologia é seu foco no “eu”, em detrimento da dimensão intersubjetiva da atividade humana. Os exemplos de análise fenomenológica são sempre pontuais, profundos, de grande abstração. Situações complexas, nas quais diferentes pontos de vista, a partir de bases diferentes formadas em locais e momentos distintos se entrecruzam, não parecem passíveis de serem analisadas da mesma forma, com a mesma profundidade e perspicácia. É inegável, no entanto, a importância da Fenomenologia como ferramenta de auto-aprimoramento crítico. Outra teoria que merece ser estudada para um melhor entendimento da MSF, já que uma de suas questões-chave é o tratamento da ação proposital como parte de um sistema, é a teoria de sistemas, campo com importantes contribuições das Ciências Biológicas, cujo teórico fundamental foi Ludwig von Bertalanffy.

Entre os conhecimentos instrumentais para o pesquisador que lida com organizações está o reconhecimento de que a lógica científica é apenas uma entre as prováveis e, possivelmente, não será aquela utilizada na organização estudada. A proposta a ser apresentada à organização, portanto, não poderá fugir à sua própria lógica. Para isso é preciso que o pesquisador saiba não apenas que existem várias lógicas possíveis, mas que a científica não é intrinsecamente melhor do que as outras. Ela é um importante instrumento de trabalho e análise para quem a domina e, portanto, poderá ampliar o horizonte de agentes sobre suas próprias organizações, mesmo que não tenham domínio do *modus pensandi* acadêmico.

A escolha de Schutz para informar este trabalho fenomenologicamente está no fato de que, entre os diversos teóricos desta corrente filosófica, foi ele quem mais se aventurou na tentativa de verter a teoria em método. Sua metodologia foi elaborada tendo em vista as Ciências Sociais, sendo, por esta razão, tão citado entre sociólogos. A Ciência da Informação e, mais especificamente, a MSF, por se encontrarem entre as Ciências Sociais, de forma aplicada, pragmática portanto, pode também se enriquecer com as elaborações de Schutz, em especial seus questionamentos e tipologias.

Para que a MSF seja aplicada de forma relevante, é preciso que o investigador tenha ciência de todos os agentes envolvidos, do fluxo do processo, do funcionamento do sistema. Em primeiro lugar, portanto, é preciso que o investigador compreenda que ele próprio é um ser humano e a carga de subjetividade existe tanto nele como nos que compõem o sistema estudado. Ademais, é preciso salientar que o significado da ação é distinto para agente, parceiro (quem interage) e observador¹³. Schutz delinea as ações em três tipos:

¹³ Isto pensando numa situação de observação simples, que conta apenas com três figuras representando as três funções aqui tipificadas. A depender da interação e ao longo dela os papéis vão sendo re-significados.

- a - sensível: motivo e curso da ação compreensíveis a parceiros e observadores
- b - razoável: ação sensível escolhida entre um grupo de ações possíveis, tendo por pressuposto padrões habituais ou tradicionais
- c - racional: pressupõe reflexividade, com a percepção dos fins, meios e conseqüências secundárias da ação

Não é suficiente, no entanto, para que o investigador compreenda a relação entre agentes e o sistema por eles formado a partir desta simples demarcação de tipos de ação. O motivo da ação que nos auxilia na compreensão da direcionalidade do fluxo sistêmico porta uma dubiedade imanente entre futuro e passado da ação, que podemos depreender do quadro abaixo:

<u>Conceito</u>	<u>Ponto de vista do agente</u>
“Para que” (<i>in-order-to</i>)	Futuro
“Por que” (<i>because</i>)	Passado

Toda ação, portanto, tem duas instâncias, sem necessária preeminência causal ou temporal entre elas. Além disso, não se pode esquecer que todas as duas explicações, embasadas na experiência passada e na expectativa futura, são subjetivas, pois se fundamentam em pontos de vista do agente, que as classificaria como motivação e propósito. É no jogo entre os dois aspectos da ação, do papel social na delimitação e encaminhamento e no papel individual de escolha que vai se formando o que Schutz chama de “estoque de conhecimento” (*stock of knowledge*). Por essa razão, por termos esses caminhos únicos, mesmo que semelhantes, é que toda situação é biograficamente situada. Cada um de nós tem uma história, inimitável e irreproduzível, assim como é única a conjuntura que determina cada situação. Apesar da especificidade individual, pelo partilhamento do social e pela atitude em geral acrítica, temos uma predisposição pela empatia, pela idéia de que nossas decisões seriam as mesmas que a de outros em nossa situação, pressuposição que nos encaminham, em parte, para tais decisões.

Uma última distinção relevante é a existente entre a interpretação do agente e a interpretação do pesquisador tratadas, respectivamente, como construto de primeira ordem e construto de segunda ordem¹⁴. A interpretação do pesquisador é tida como construto de segunda ordem pois se trata de uma interpretação feita com base em outra interpretação, a do agente. Em sua interação em uma situação qualquer, as mudanças implementadas a partir das observações do pesquisador, por sua vez, modificarão a situação inicial, que poderá novamente ser analisada. Esse aspecto de recursividade contínua em interações foi percebido também por Checkland, sendo um importante ponto em comum entre a MSF e a Fenomenologia.

Por fim, tendo presente os preceitos da Fenomenologia, é importante frisar que esta é apenas uma possível apresentação - e representação - de conceitos diversos e complexos que compõem a investigação fenomenológica. Seu estudo deste campo é um de abstração, incertezas e questionamentos renitentes. O que ele nos lega, no entanto, é precioso: uma maior capacidade de crítica e auto-crítica, um maior poder analítico. A questão está em saber, ou conseguir decidir, o que devemos ou podemos ter como dado, até onde algo deve e pode ser criticado.

BIBLIOGRAFIA

BOURDIEU, Pierre e WACQUANT, Loïc J. D. *An invitation to reflexive sociology*. Chicago EUA: The University of Chicago Press, 1992. XIV + 332p.

BROTTI, Maria Gorete; LAPA, Jair dos Santos. Modelo de avaliação do desempenho da administração da escola sob os critérios de eficiência, eficácia, efetividade e relevância. *Avaliação (Campinas)*, Sorocaba, v. 12, n. 4, Dec. 2007 . Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-40772007000400005&lng=en&nrm=iso>. access on 13 July 2010. doi: 10.1590/S1414-40772007000400005.

¹⁴ Essa distinção entre construtos de primeira e segunda ordem está presente em outras teorias, com denominações distintas, como a noção de dupla-hermenêutica (*double hermeneutic*), de Giddens (LEE, nota 7, p. 23-24)

CHECKLAND, Peter e SCHOLLES, Jim. *Soft systems methodology in action : includes a 30-year retrospective*. Chichester Grã-Bretanha:Wiley, 1999. 66p + XV + 329p.

CHECKLAND, Peter e POULTER, John. *Learning for action : a short definitive account of soft systems methodology and its use for practitioner, teachers, and students*. Hoboken, NJ EUA: Wiley, 2006. XXIII + 200p.

GIDDENS, Anthony. *New rules of sociological method*. 2a. Edição. Stanford, California (EUA): Stanford University Press, 1993. 186p.

HABERMAS, Jürgen. *On the logic of the Social Sciences*. Tradução: NicholSEN, Shierry Weber e Stark, Jerry a. Cambridge, Massachusetts (EUA): MIT Press, 1988. X + 220p.

HEIDEGGER, Martin. *An introduction to metaphysics*. Tradução: Manheim, Ralph. New Haven, Yale (EUA): Yale University Press, 1987. X + 214p.

INTRONA, Lucas D. e ILHARCO, Fernando M. Phenomenology, Screens, and the World. in: A Journey with Husserl and Heidegger into Phenomenology. In: MINGERS, John e WILLCOCKS, Leslie. *Social Theory and Philosophy for Information Systems*. Reino Unido: John Wiley & Sons, 2004. 455p.

LEE, Allen S. Thinking about Social Theory and Philosophy for Information Systems. in: A Journey with Husserl and Heidegger into Phenomenology. In: MINGERS, John e WILLCOCKS, Leslie. *Social Theory and Philosophy for Information Systems*. Reino Unido: John Wiley & Sons, 2004. 455p.

SCHUTZ, Alfred. *Collected Papers I: The Problem of Social Reality*. Phenomenologica 11. The Hague (Holanda): Martinus Nijhoff, 1962. XLVII + 361p.

SCHUTZ, Alfred. *Collected Papers III: Studies in Phenomenological Philosophy*. Phenomenologica 22. The Hague (Holanda): Martinus Nijhoff, 1966. XXXI + 191p.